

Editorial

É com grande satisfação que lançamos mais uma Edição da Revista SURES, publicação semestral do Instituto Latino-americano de Arte, Cultura e História, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (ILAACH/UNILA). Neste número discutimos o tema das Novas Universidades no Brasil, com ênfase nas propostas da Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA e Universidade Integração Internacional da Lusofonia-Afro-Brasileira – UNILAB.

A discussão sobre as universidades no Brasil, invariavelmente, demanda que situemos o papel dessas instituições na sociedade. O que de fato tem sido as universidades no Brasil? São elas um espaço de formação cidadã ou meras instituições, públicas e privadas, de formação profissional para atender as demandas do mercado? Teriam essas instituições compromissos com a transformação e a redução das desigualdades sociais, ou seriam, ao contrário, indiferentes e até mantenedoras das desigualdades e das injustiças?

Repensar criticamente a universidade, lançando um olhar de estranhamento sobre a sua atuação, permite-nos compreender não só o seu papel institucional como também o dos sujeitos nela diretamente envolvidos. Permite, também, considerar o contexto dessas instituições, suas especificidades e construções históricas.

A arquitetura curricular das universidades brasileiras remonta ao modelo europeu e norte-americano de ensino superior. Segundo Naomar Almeida, ex-reitor da Universidade Federal da Bahia, temos uma espécie de “modelo misto”, pouco compatível com a realidade dos grandes centros universitários mundiais. Uma série de acontecimentos explicam a debilidade do nosso modelo. Ausências de reformas universitárias e até mesmo a deturpação de propostas antes mesmo delas serem implementadas.

O fato é que vem crescendo em torno dessas instituições a falta de credibilidade para discutir e propor à sociedade temas importantes. Inúmeras são as carências das universidades, os menos reflexivos apontarão a debilidade do orçamento como a causa única das dificuldades para o avanço – sabemos que falta muito mais do que isso!

O histórico dessas instituições no mundo ocidental, nos mostra que elas tiveram grande parte do seu funcionamento voltado para atender aos interesses das elites. A universidade medieval teve o compromisso de manter a cultura hegemônica do

feudalismo. A universidade do pós-renascimento estava empenhada em formar os quadros dirigentes do absolutismo. Só posteriormente surgiram as universidades voltadas para a formação profissional. A universidade tecnológica é contemporânea da revolução industrial e teve como objetivo criar conhecimento para o modo de produção capitalista.

Nestas universidades, o incremento da disciplinaridade surgiu como uma necessidade para dar conta dos avanços tecnológicos da época. Ainda segundo o professor Naomar, no século XX, no contexto do neoliberalismo, vimos emergir o que pode vir a ser um paradigma acadêmico novo: trata-se da universidade corporativa. Estas universidades estão dedicadas aos negócios e são organizadas como um empreendimento comercial.

Esses são contextos históricos e sociais que explicam a ideologia das instituições universitárias ao longo do tempo. No entanto, embora sejam instituições social e historicamente condicionadas, as universidades são também o resultado do trabalho dos sujeitos coletivos que a constroem e lhe atribuem objetivos e significados, assim como as linhas de trabalho a serem seguidas.

Seguindo essa lógica de raciocínio, devemos nos perguntar sobre o papel e o potencial dessas instituições na atualidade. Podemos ainda ampliar o questionamento e indagar sobre qual deve ser o lugar das universidades nos países historicamente explorados pelo colonialismo, como são os países da América Latina e da África. Qual seria o papel das universidades nesses continentes, marcados por gritantes desigualdades econômicas, políticas, sociais e culturais? Isto sem falar das inúmeras violações, da exploração forçada de milhares de migrantes escravizados. Seria o papel das universidades nestes países apenas o de creditar títulos a profissionais que seguirão sua vida sobre a lógica do mérito individual, dando continuidade à cadeia de desigualdade e exclusão?

Indagar criticamente sobre o papel das universidades na acreditação não significa simplesmente negar a importância da titulação, mas, ao invés disso, apontar que este não é seu único caminho, a sua única missão. Se consideramos que as maiores instituições universitárias, no caso do Brasil, ainda são públicas, o compromisso das instituições e daqueles que a integram com a sociedade é maior e vai muito além disso.

De acordo com o Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a maioria das instituições de ensino

superior no Brasil está nas mãos da iniciativa privada. A mercantilização do ensino superior se dá na formação do alunato, para atender unicamente as demandas do mercado; o que também se converteu em um grande negócio. Haja visto os inúmeros cursos de especialização e modalidades preparatórios particulares, cujo marketing é oferecer ao mercado de trabalho técnicos/profissionais qualificados. O estudante como mercadoria criado num grande mercado.

Apesar da proliferação de Centros Universitários e Faculdades, das universidades existentes no país, a maioria ainda é pública. Os dados apontam que das 195 universidades brasileiras, 54,9% são públicas. Os Centros Universitários são, em sua maioria, privados 94% e as faculdades 93%, resultando numa porcentagem de 87,5% de instituições de ensino superior privadas, enquanto 12,5% são públicas. Outro dado importante apresentado pelo INEP, em 2016, foi a taxa de evasão de aproximadamente 49%, o que demonstra que muitos jovens no ato da escolha do curso ainda não estão plenamente seguros de que curso/ profissão irão seguir.

A lista de problemas que envolve as universidades é imensa e complexa. Temos muitas questões a serem discutidas e resolvidas. Todavia, o reconhecimento das dificuldades não nos autoriza a abandonar essas instituições. Ao contrário, temos a reponsabilidade de tomá-las com afinco, repensá-las, reinventá-las, construir seu papel social, demarcar seus espaços e mostrar seu potencial transformador. Temos em nossas mãos o principal agente da transformação – o conhecimento – e nos compete promover a defesa da universidade pública, para que ela não venha a ser aprisionada pela lógica do mercado e dos interesses das classes dominantes. Este número da SURES é uma contribuição modesta nesta direção.

Na América Latina, as universidades podem ser centrais na luta contra a desigualdade social e na construção de um pensamento latino-americano engajado e combativo, que lute contra as injustiças e inclua na sua pauta a pluralidade do continente. E é nessa perspectiva de reconhecimento das dificuldades e ao mesmo tempo com a necessidade de avançar, que temos entre os anos de 2003 a 2014 incremento considerável no ensino superior brasileiro e a criação de aproximadamente 14 novas universidades. Nos mandatos do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003 a 2010) temos um aumento de 90,1% do número de matrículas, uma média de 11% ao ano.

Em 2010, último ano do mandato do Presidente Lula, temos a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA e da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Essas duas universidades nascem com propostas distintas. Suas missões podem ser claramente identificadas na sua denominação, a integração da América Latina, no caso da UNILA, e a integração com os membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP, no caso da UNILAB. São instituições nascidas no marco da internacionalização, que buscam superar a lógica de integração meramente comercial. Busca-se com estas universidades a um só tempo reparação histórica, com prospecção para o futuro, com base na integração do conhecimento.

O Brasil historicamente esteve de costas para América Latina e a África. Afirmar isso não significa apontar para ausência de relações comerciais e até mesmo educacionais com nossos vizinhos; entretanto, não podemos deixar de admitir que a criação de uma universidade para integração é um marco importante para construir uma política de Estado, na qual a América Latina ocupará uma centralidade.

A proposta de integração com os países membros da CPLP, principalmente os africanos, num país que teve 400 anos de escravidão contra 129 de liberdade, é mais do que importante - é uma necessidade imperiosa. O negócio perverso da escravidão no Brasil, por meio do qual foram importadas? mais de 11 milhões de pessoas escravizadas, é a marca indelével da sociedade brasileira, com consequências que se estendem até o presente. No Brasil quase todas as injustiças e desigualdades sociais têm no racismo algum fundamento. Revisitar o passado criticamente, por meio da educação, é a única forma de combater o racismo em nossa sociedade.

Para lograr seus desideratos essas instituições, segundo as leis que a criaram, preveem uma composição docente e discente de 50% brasileiros e a outra metade dos demais países latino-americanos e dos demais membros da CPLP.

A necessidade de refundação do sentido da universidade na sociedade brasileira nos parece um tema inadiável. Sabemos das suas fragilidades, assim como sabemos da sua importância, e é com base nessa assertiva que os textos e as entrevistas deste décimo primeiro número da Revista Sures, buscam abordar.

O primeiro artigo, *Política linguística e integração latino-americana: desafios de uma proposta bilíngue para o ensino superior*, da professora Simone da Costa Carvalho, reflete sobre a política linguística da UNILA. No artigo, Carvalho traz uma

série de dados relevantes sobre a proposta da universidade no ensino das línguas, no chamado Ciclo Comum de Estudos. Segundo a autora, num cenário global tomado pela lógica da competitividade, o poliglotismo é quase uma necessidade. É nesse contexto, em sintonia com as demandas mundiais, que o artigo situa o papel da UNILA, mostrando que, enquanto muitos países apostam no inglês, a UNILA apostou nas línguas majoritárias do continente latino-americano, o português e o espanhol. O cenário é complexo, pois inúmeras são as línguas presentes na universidade. A língua é um eixo transversal presente em todos os lugares e responsável pela transmissão e produção de conhecimentos. Na condição de proposta inovadora, observam-se muitas lacunas no ensino de línguas na Unila, mas cabe ao corpo docente encarar o desafio e tornar real aquilo que foi imaginado.

O artigo de Maria Genro, Henrique Maffei e Marcia Cavalcante, integrantes do Grupo de Pesquisa do PPGEDU – UFRGS, faz uma análise sobre uma universidade para o bem-viver, num contexto de avanços do neoliberalismo. Os autores do artigo, *Universidade emergente: integração latino-americana e a contribuição da UNILA*, apontam para os avanços do neoliberalismo em termos ideológicos e a consequente derrota do poder popular. Apesar do avanço da lógica neoliberal seu projeto ainda está inconcluso, tendo em vista a presença do Estado como agente regulador em muitas esferas sociais. É nesses termos que os autores destacam a importância da UNILA, como um espaço promotor de uma outra experiência educacional – refundada no sentido da educação compartilhada para o bem público e universal. Sabemos que a realidade das novas universidades não é fácil, mas o artigo do Grupo de Pesquisa da UFRGS reanima o desejo de seguir na batalha para tornar as utopias do projeto UNILA em protopias.

A integração na UNILA e da UNILAB não é uma tarefa fácil. O primeiro desafio está em compreender a focalidade das universidades e como seguir sua proposta de internacionalização, em marcos jurídicos brasileiros. Não seria ousado dizer que estas novas instituições carregam um passado por elas não vivido, mas que é reanimado quando docentes trazem a essas instituições a perspectiva das suas universidades formadoras, algo que distorce e leva ao retrocesso antes de avançar. Os dilemas e as dificuldades, as intrigas e as vaidades acadêmicas estão presentes nestes novos espaços acadêmicos como nas velhas instituições, com o agravante de serem instituições plurilíngues de uma diversidade cultural impressionante, algo que dificulta o funcionamento e ao mesmo tempo encanta a todos e todas que compõem as instituições.

Para compreender as dificuldades da integração da Universidade com a cidade em que está inserida, o artigo de Eloiza Dal Pozzo e Oscar Nihei intitulado *A vida em comum em sociedades multiculturais: análise das relações sociais e da adaptação dos alunos estrangeiros da Unila em Foz do Iguaçu – PR*, nos traz uma análise valiosa do caso. Resultado de uma pesquisa extensa, feita para o Mestrado em Fronteira e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, o artigo nos mostra, por meio de uma pesquisa quanti-qualitativa, os elementos que dificultam e facilitam a convivência dos estudantes da UNILA na cidade de Foz do Iguaçu. Interessante observar que mesmo numa cidade fronteiriça, como Foz do Iguaçu, onde 80% da população é formado por imigrantes, os estudantes da UNILA são tratados como forasteiros, pessoas que tiram as oportunidades da população local – relatos e ações recheadas de xenofobia nos mostram quanto temos que trabalhar para tornar o projeto UNILA algo inteligível para a cidade.

É na crítica ao modelo que encontramos elementos para agir. No veneno que mata encontraremos o antídoto. É com estas palavras que sintetizamos o artigo de Rogério Ferrari, *A universidade e o círculo fechado: sobre o erro da razão na etnografia*. Por meio de uma escrita criativa e instigante, o autor nos faz um chamado à *práxis*, para transformar as ideias em realidade. Rogério parte do seu trabalho etnográfico com os Ciganos do Estado da Bahia. Por meio de uma crítica sistemática à pretensão antropológica de criar e estabelecer teorias, o autor nos propõe uma metodologia com base na profundidade da pele, onde o outro não seja outrificado na ação da pesquisa. Clama por uma sensibilidade construída a partir de um *nosoutros*, de um conhecimento de base prática que rompa com o jogo retórico e os círculos fechados das universidades.

A crítica aos padrões e práticas sociais excludentes e inviabilizadoras é o tema abordado no artigo *Educação e trabalho da mulher no campo e suas invisibilidades*, de Giovanna Alves, Lélia Sell e Amanda Castro. O artigo resultou de uma pesquisa realizada na Escola Técnica da Zona Estadual de São Lourenço do Sul, na qual as pesquisadoras identificaram a permanência da invisibilidade e a desvalorização do trabalho da mulher no campo. E com este artigo concluímos nossa sessão para adentrar em outras discussões, na qual o tema da universidade e suas complexidades seguem sendo o foco da *mirada*.

Na sessão resenha de livros, Guadalupe Huacuz, antropóloga e docente da Universidade Autônoma Metropolitana – unidade Xochimilco – UAM, nos traz uma apresentação do livro *Miradas críticas a la complejidad de la violencia universitaria*, um convite a discutir outra interface das universidades – a da violência. Segundo Guadalupe, a categoria, complexidade trazida logo no título da obra, não é gratuita. A violência é um tema complexo que se sedimenta e se reproduz em vários âmbitos das universidades. Huacuz aponta que aqueles que trabalham com o tema precisam ter consciência que ele exige eixos de ação e intervenção política.

Nesta mesma sessão Ligia Andrade, docente de língua espanhola da UNILA, nos dá a boa notícia de que o público brasileiro, desde 2016, já pode contar com a obra do escritor peruano José Maria Arguedas, *A raposa de cima e a raposa de baixo*, em português. Traduzida por Rômulo Monte, um dos pioneiros nos estudos da comarca andina no Brasil e criador da Rede de Estudos Andinos, a publicação é o resultado do trabalho do grupo, que nos traz a tradução de uma das obras mais importantes da literatura latino-americana.

Ainda no tema da criação e da arte temos a sessão fotográfica de Ivan Freire que registra em imagens o cotidiano da integração na UNILAB. São momentos raros onde a luz, a espontaneidade e a sensibilidade criam o sentido.

Na parte de entrevistas, temos a grata satisfação de contar com a contribuição de três grandes nomes: Manolita Correa, Maria Adélia de Souza e Basílele Malomalo. Manolita Correa, docente da Universidade de São Paulo – USP, foi entrevistada por Ivor Prolo, doutorando em Gestão Internacional pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, de São Paulo. Manolita aponta para a importância do tema da internacionalização e da interiorização. Para Manolita, a Unila e a Unilab colocam o Brasil no eixo de nações ativas, promovendo uma internacionalização inclusiva. Nas palavras da entrevistada, estas duas universidades estão comprometidas em ultrapassar a esfera acadêmica, na direção que transitam entre uma agenda cultural e política.

Para aqueles que tem curiosidade em conhecer um pouco mais dos primeiros anos de estruturação da UNILA, a entrevista com a professora Maria Adélia de Souza, realizada pela ex- estudante Letícia Carvalho, é leitura obrigatória.

Maria Adelia esteve a frente da Pró-reitoria de Graduação nos primeiros anos de implantação da UNILA. Através de uma leitura crítica e muito criteriosa, a entrevistada explica com maestria os percursos iniciais e as dificuldades em construir um projeto de universidade inovadora. A entrevista de Maria Adelia é documento importantíssimo

para compreender o passado, o presente e, sobre tudo, para prever ameaças que ainda hoje rondam o funcionamento da instituição.

No momento seguinte temos a entrevista de Basílele Malomalo, docente da UNILAB. Malomalo traz para a entrevista a experiência docente e o conhecimento de quem já trabalhou na Pró-reitoria de Relações Internacionais e na Pró-reitoria de Políticas Afirmativas. A entrevista foi realizada pelo estudante do bacharelado interdisciplinar, Samuel dos Santos.

Malomalo nos traz informações importantes sobre a perspectiva acadêmica e política da UNILAB. A entrevista de Malomalo surpreende pela concisão e riqueza, articulando a missão institucional às perspectivas sociais e políticas, sem deixar de apontar problemas coletivos que são conduzidos pelo crivo de personalidades egoístas.

As três entrevistas dessa edição são um contribuição salutar para a compreensão do sentido social e político dessas instituições. Os relatos também são importantes para que a comunidade acadêmica e a sociedade possam entender, com mais densidade, um pouco do que já foi historicamente construído e certos desafios que o futuro guarda.

Caminhamos para o final com a Carta de Salvador. Este documento, elaborado na ocasião do XVI do Congresso Internacional do Fórum Universitário Mercosul, demarca os anseios da categoria docente e discente no reconhecimento do papel social da Universidade, por parte do atual governo. O documento também denuncia a onda de retrocessos num governo golpista e ilegítimo que, em um ano de gestão, apresenta-se claramente contrário à democracia e ao bem-estar social. Vivemos um momento declinante, onde as forças reacionárias, embebidas pelo ódio e rancor, aparecem revigoradas. O manto da tolerância foi rasgado por expressas manifestações xenofóbicas, racistas, misógenas, homofóbicas e de todas as mazelas que levam à exclusão e ao sofrimento. As desigualdades são uma realidade cada vez mais crescente e alarmante. Neste cenário adverso, as universidades podem ser um espaço importante na construção de um pensamento crítico e uma prática militante, na luta permanente por uma sociedade menos injusta.

Esperamos que tenham uma excelente leitura !!!

Danielle Araújo